

# A dualidade composicional da *Ankh* para violão solo de Roberto Victorio

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Gilson Antunes<sup>1</sup>

UFPB - gilson.violao@gmail.com

**Resumo:** O artigo analisa a mais recente obra para violão solo de Roberto Victorio, *Ankh*, escrita em 2011. São demonstrados os elementos que moldaram a composição, o significado dos mesmos, o papel do violão dentro do *corpus* composicional do músico e a relação entre esta obra e suas outras para o mesmo instrumento. Foi verificado que todos esses elementos formaram um todo indivisível, no qual a busca por uma dualidade através do violão e seus referenciais foi o foco principal da composição.

**Palavras-Chave:** Violão. guitarra. composição. rock.

## The Compositional Duality in *Ankh* for Solo Guitar by Roberto Victorio

**Abstract:** This paper analyses the newest work for solo guitar by Roberto Victorio, *Ankh*, written in 2011. It shows the elements that shaped the composition, their meanings, the subject of the guitar among the compositional *corpus* of the musician and the relationship between this work and the others composer's work for the same instrument. It was verified that all this elements did make an indivisible whole in which the seeking for a duality throughout the guitar and its references was the main goal of the composition.

**Keywords:** Guitar. Electric Guitar. Composition. Rock.

## 1- Introdução

Neste ano de 2014 comemora-se os 55 anos de Roberto Victorio<sup>2</sup>, que é um compositor brasileiro que constantemente aparece no registro de CDs de instrumentistas brasileiros e estrangeiros<sup>3</sup>. Seu número de opus já atinge centenas de composições para as mais diversas formações, incluindo instrumentos solo, música de câmara, música orquestral e música vocal<sup>4</sup>. Suas obras para violão solo estão recebendo reconhecimento por parte de violonistas em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Rio de Janeiro, entre outros Estados,

---

<sup>1</sup> Violonista e professor da Universidade Federal da Paraíba, com doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Compositor nascido em 1959 no Rio de Janeiro. Formou-se em violão pela FAMASF-Rio, tendo estudado composição e regência na UFRJ. É professor de composição na Universidade Federal de Mato Grosso e organizador da Bienal de Música Brasileira Contemporânea em Cuiabá.

<sup>3</sup> Músicos como a pianista Karin Fernandes, o violonista Paulo Pedrassoli, o violoncelista Dimos Goudarouilis, os percussionistas Paulo Passos e Joaquim Abreu e a pianista Ingrid Barancoski gravaram recentemente em CD obras do compositor.

<sup>4</sup> Catálogo em <http://www.robertovictorio.com.br/catalogo/>, pesquisado em 10 de março de 2014.

sendo que já existem dois registros sonoros dedicados apenas às suas obras para violão<sup>5</sup>, além de outros em que aparecem uma ou outra obra para violão gravada<sup>6</sup>.

## 2- Objetivos

O foco deste artigo é sua mais recente composição para violão solo, *Ankh*, de 2011. Apesar de recente, a obra já possui duas gravações comerciais. O objetivo é demonstrar que todos os elementos constituintes dessa música formam um todo indivisível, no qual são enfatizadas dualidades como o acústico e o elétrico, a elite e o popular, a música de salão e a música de massa, a técnica instrumental acadêmica e a técnica instrumental popular. Percebemos que a própria natureza do instrumento (violão) proporcionou ao compositor esses elementos que, à primeira vista, soam contraditórios, mas que a nosso ver se tornaram bem sucedidos nesta composição musical.

## 3-Procedimentos Utilizados – Análise da obra

*Ankh*<sup>7</sup> originalmente é um símbolo com conotações diversas, sendo utilizado por pessoas de diferentes manifestações artísticas, culturais e religiosas. Ao compor *Ankh*, Victorio teve em mente a relação entre manifestações populares específicas (em especial o rock) e a música clássica, o que em princípio soa antagônico. A ideia, segundo o compositor<sup>8</sup>, foi a de fazer o violão clássico soar como uma guitarra elétrica – outra espécie de antagonismo -, incluindo a utilização de técnicas instrumentais e composicionais inerentes a este último instrumento. Entre elas, o uso de *powerchords*<sup>9</sup> e o toque com a parte externa da

---

<sup>5</sup>*Obras para Violão* (Paulo Pedrassoli e convidados, CD independente lançado em 2008) e *Roberto Victorio por Gilson Antunes* (produção independente, lançado em 2012).

<sup>6</sup>*Obras para Violão - Música Contemporânea* – Compositores de Mato Grosso (Teresinha Prada, independente, lançado em 2010).

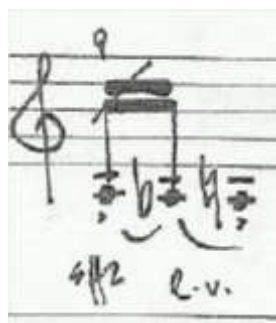
<sup>7</sup> A Cruz Ankh, ou Cruz Ansata, era o símbolo da vida no Egito antigo. A quem a possuísse eram dadas condições específicas de vida, e seu formato (laço preso por uma ligadura) surgiu do nó que reforçaria esses laços. Era constituída por dois elementos diferentes e complementares: a cruz em forma de “T” e a parte superior, circular, que se relacionava com o ritmo indefinido da vida<sup>7</sup>. Este símbolo possuía funções mágicas por permitir relacionar ou desligar pessoas e elementos conjuntamente, por isso acabou adentrando a cultura pop no século vinte em personalidades como o músico Raul Seixas e o escritor Paulo Coelho - cuja Sociedade Alternativa adaptou simbolicamente a cruz Ankh -, o cineasta Tony Scott (cuja película *Fome de Viver* mostra a chave Ankh numa das cenas principais com os atores Catherine Deneuve e David Bowie) e mesmo o grupo de hard rock Kiss, cujo guitarrista Vinnie Vincent utilizava a cruz Ankh pintada em seu rosto.

<sup>8</sup>Relato ao autor do artigo em 20 de dezembro de 2011.

<sup>9</sup> Acordes utilizados comumente por guitarristas de heavy metal, consistindo geralmente de duas notas separadas por intervalos de quinta justa (bicorde) ou com o acréscimo de uma terceira nota separada por intervalo de quarta justa em relação à nota do meio (e.g. Fá, Dó, Fá).

unha, além de ritmo frenético, escalas rapidíssimas, percussões e um moto contínuo que perdura em toda a parte final da música.

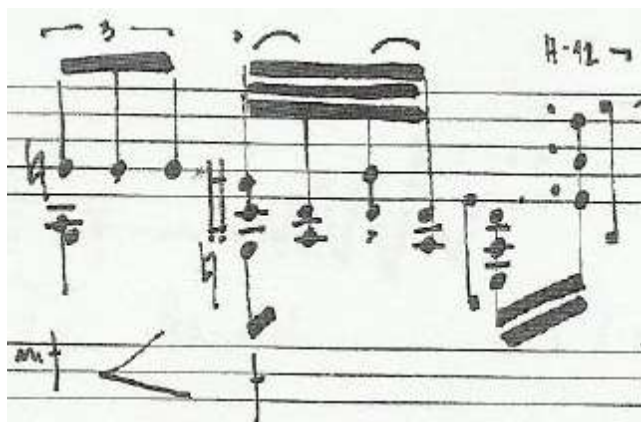
*Ankh* é dividida em três partes, sendo a primeira de caráter introdutório (*Intenso*), a segunda um desenvolvimento rítmico dessa introdução (*Movido*) e a terceira um enérgico moto contínuo (*Pujante*). Não há barras de compasso na parte introdutória e em boa parte da segunda seção (algo comum nas obras de Roberto Victorio), sendo que a primeira parte situa-se entre o primeiro e o oitavo pentagramas, a segunda parte entre o nono e o décimo sétimo pentagramas e a terceira parte entre o décimo oitavo pentagrama e o final da música (quadragésimo terceiro pentagrama). A terceira parte utiliza barras de compasso de maneira tradicional. A música inicia com um mordente descendente Lá, Lá bemol, Lá, sendo a primeira nota pulsada com *pizzicato* Bartók (símbolo musical com escrita parecida com a cruz Ankh), a segunda (Lá bemol) *lascia vibrare*, e a terceira com o Lá solto (quinta corda), o que causa um bicorde de segunda menor entre as duas últimas notas (exemplo 1).



Exemplo 1

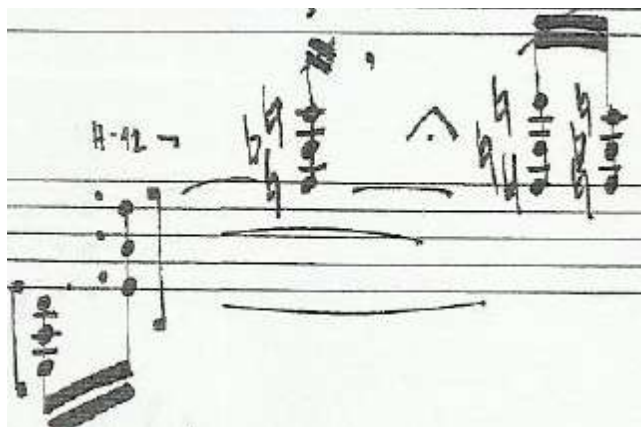
Roberto Victorio já demonstra nessas três primeiras notas alguns dos elementos principais de toda a música (cordas soltas e intervalos de segunda). Em seguida há uma tercina em que as notas Sol e Lá (novamente um intervalo de segunda) soam ao mesmo tempo, sendo sucedidas por ligados duplos e acordes percutidos por ambas as mãos (recursos não muito utilizados por violonistas clássicos, mas por alguns guitarristas de rock), o que já demonstram a utilização idiomática do violão ou guitarra elétrica<sup>10</sup> (exemplo 2).

<sup>10</sup> Esta obra foi gravada pela primeira vez pelo guitarrista Mário del Nunzio (guitarra elétrica) no CD *Vértebra*, em 2011.



Exemplo 2

O último desses acordes é tocado com a mão esquerda em harmônicos naturais na décima segunda casa do violão, nas três cordas graves, precedendo três acordes em posição fixa nas cordas sobressalentes (mais agudas) (exemplo 3).

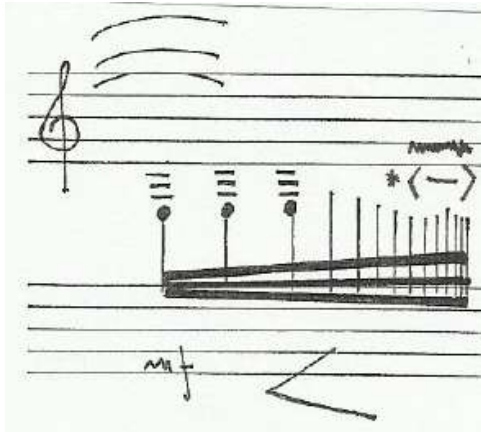


Exemplo 3

Os intervalos de segundas maiores e menores, além dos acordes em posição fixa serão não apenas a figura principal da obra inteira em termos composicionais, mas também um elemento instrumental fundamental para fazer o violão soar em sua plenitude. Outros compositores já haviam se utilizado desses elementos (Luciano Berio na *Sequenza XI*, Leo Brouwer no *Canticum*, Villa-Lobos no *Estudo n.12*, entre outros exemplos) e Victorio aproveitou sua experiência como violonista para a realização destes recursos<sup>11</sup>.

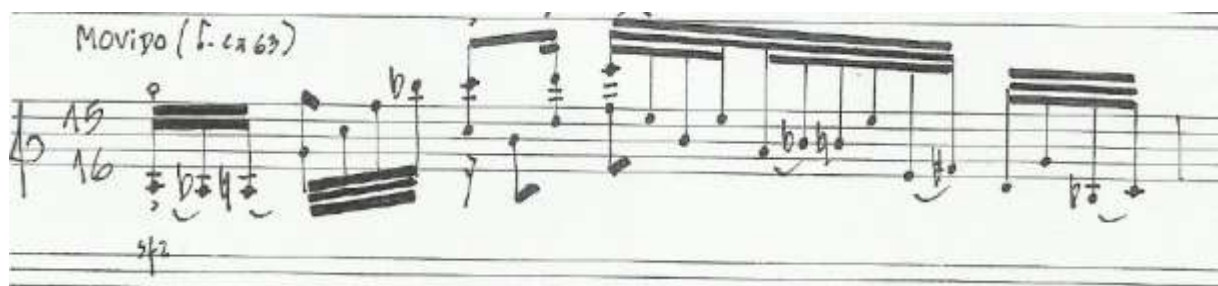
<sup>11</sup> Roberto Victorio estudou e se formou em violão com Jodacil Damaceno no Rio de Janeiro, chegando a participar de concursos internacionais de violão como instrumentista em sua juventude.

Além do uso constante desses elementos citados, o compositor utiliza no segundo pentagrama o recurso do *bend*<sup>12</sup>, mais utilizado por instrumentistas na guitarra elétrica, sendo algo comum no rock e quase inexistente no repertório tradicional do violão clássico. Outro recurso pouco usual no violão clássico (mas bastante utilizado no violão flamenco) é a *alzapúa*<sup>13</sup>, que aparece no início do quinto pentagrama, e que na guitarra elétrica pode ser realizada com o vai-vem para cima e para baixo da palheta na sexta corda solta. Para Roberto Victorio, o efeito é de um trêmolo arranhado (exemplo 4).



Exemplo 4

A segunda parte da música (*Movido*) contrasta com o caráter improvisatório da primeira parte ao utilizar figuras rítmicas específicas (colcheias, semicolcheias e fusas) por cinco pentagramas (os que utilizam barras de compasso), quando o caráter expressivo anterior da primeira parte se mantém pelos quatro compassos restantes (onde não há separações entre os compassos, como na parte introdutória). Essa parte um meio termo entre o *tour de force* final e o início reflexivo. Novamente, observa-se os intervalos de segundas (maiores e menores), as cordas soltas e os acordes em posições fixas. (exemplo 5).



Exemplo 5

<sup>12</sup> Esse recurso é realizado levantando-se a corda (para cima ou para baixo) como num vibrato vertical lentíssimo. Guitarristas como Eric Clapton ou Noel Gallagher utilizam comumente esse efeito como recurso melódico e/ou expressivo.

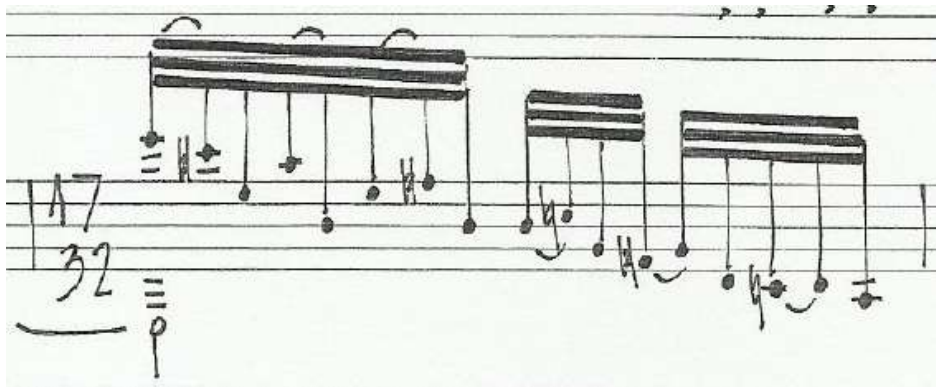
<sup>13</sup> Técnica do violão flamenco em que o polegar ou outro dedo da mão direita toca – para cima e para baixo – uma nota repetida rapidamente várias vezes.

A terceira e última parte da música é a que mais apresenta dualidades como violão-guitarra elétrica, rock-música de concerto e técnica clássica-técnica popular. Isso se reflete até mesmo no aspecto visual: os *powerchords* constantes não fazem parte do repertório instrumental do violonista clássico, mas o aspecto plástico obtido para a realização desse recurso faz parte do imaginário de guitarristas de bandas de rock. Esses acordes aparecem na totalidade dos dois primeiros pentagramas intercalados com ligados na corda solta Mi (a mais grave do violão/guitarra), sendo sucedidos por arpejos em cordas simples ou intercaladas por arpejos com acordes, utilizando-se cordas soltas, acordes em posição fixa e intervalos de segundas maiores e menores (exemplo 6).

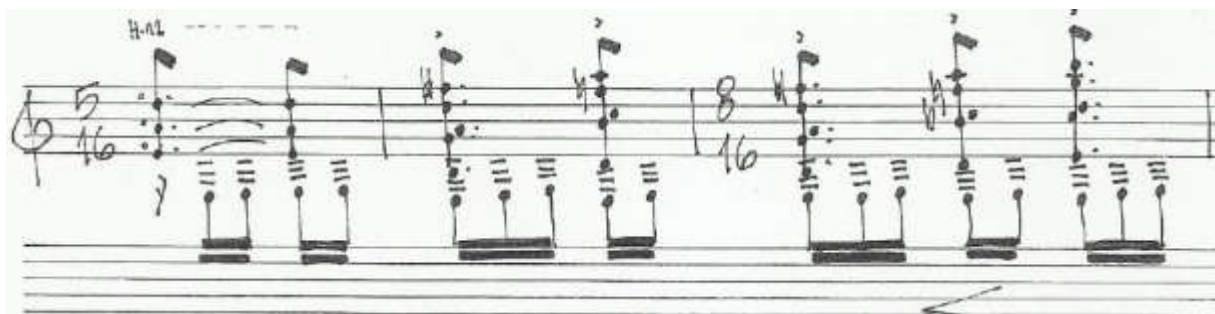


Exemplo 6

Outra novidade dentro da estrutura geral da música é a utilização de escalas rápidas com ligados ascendentes e descendentes intercalados com cordas soltas (exemplo 7), além de acordes cheios (de seis notas) – alguns em harmônicos naturais nas seis cordas soltas – pulsadas em rasgueado com pedal na sexta corda solta (Mi grave), o que faz o violão parecer mais um instrumento de rock que de música tradicional de concerto (exemplo 8).



Exemplo 7



## Exemplo 8

A música se mantém nesse ritmo frenético, vibrante e furioso até o final, sem descanso, finalizando com acordes em rasgueado, percussões de ambas as mãos e pizzicato Bartók (novamente o símbolo similar em escrita ao símbolo do Ankh), justamente a maneira que se iniciou a música em caráter reflexivo. Apesar da diferença de caráter, o início e o final da música são similares, o que demonstra mais uma vez a dualidade composicional aplicada na música.

## 2- Resultados finais – Conclusões

Ao completar 55 anos de idade e em plena atividade como compositor, instrumentista (violonista, violista e violoncelista) e professor na Universidade Federal de Mato Grosso, além de agitador cultural da maior importância dentro da música brasileira de concerto –organizando a Bienal de Música Contemporânea Brasileira, já na quinta edição – Roberto Victorio se estabelece cada vez mais em qualquer das atividades musicais a que se propõe atuar. Sendo um violonista de formação, o instrumento lhe é totalmente familiar, mas nem por isso o compositor o utiliza de maneira absolutamente tradicional, sempre buscando inovações a partir da própria essência e idiomatismo do instrumento, demonstrado na *Ankh*. Essa obra representou direções à primeira vista antagônicas – ilustradas no artigo -, mas demonstrou funcionar em nível de concerto tradicional (sendo interpretada várias vezes no Brasil e no exterior) e na vertente instrumental popular (tendo sido gravada primeiramente em guitarra elétrica).

O uso de elementos tradicionais do violão clássico (e.g. o tripé da técnica: arpejos, ligados e escalas) com elementos da guitarra elétrica ou do violão flamenco (*alzapúa*, *power chords*, *bends*, etc), o caráter reflexivo e o rítmico frenético, o rock e a música de concerto, o símbolo sagrado com o símbolo cult, entre outros exemplos, demonstram no produto final a unidade dentro da dualidade que, em nosso entendimento, foi desde o início a ideia pretendida pelo compositor para esta música.

## Referências bibliográficas

EGG, André. *“Tetraktys” para violão de Roberto Victorio*. Curitiba, 2000. 53f. Trabalho de Conclusão (Curso de Especialização em Estéticas e Interpretação da Música do Século Vinte). EMBAP, Curitiba, 2000.

OBRAS PARA VIOLÃO: Música Contemporânea. Compositores de Mato Grosso. Roberto Victorio (Compositor). Teresinha Prada (Intérprete, violão). Mato Grosso: independente, 2010. Compact Disc.

OBRAS PARA VIOLÃO. Roberto Victorio (Compositor). Paulo Pedrassoli (Intérprete, violão). Rio de Janeiro: independente, 2008. Compact Disc.

ROBERTO VICTORIO POR GILSON ANTUNES: Obras para violão. Roberto Victorio (Compositor). Gilson Antunes (Intérprete, violão). São Paulo: independente, 2012. Compact Disc.

SANTOS FILHO. Francisco Lopes dos. *Planalto Central: marco da música contemporânea em Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2013.

SCHWARZ, Fernando. *O Egito Invisível e o Poder dos Símbolos: a verdadeira essência da tradição sagrada mais fascinante da história*. São Paulo: Pensamento, 2007.

RODRIGUES, Vanessa Fernanda. *Possibilidades de escuta na música do século vinte: pensamento, estética e poética na obra de Roberto Victorio*. Campinas, 2009. 123f. Dissertação (mestrado em música). Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2009.

VÉRTEBRA. Roberto Victorio (compositor). Mário del Nunzio (intérprete, guitarra elétrica). São Paulo: independente, 2011. Compact Disc.